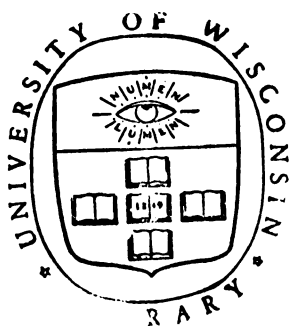


PQ

9261

D5

P7



OCT 27 1961

João de Deus

P R I M E I R A S
LEITURAS

Approvadas
Pelo Governo
Para uso das Escolas
Primarias

Lisboa
Typ. P. da Alegria 74
1877

AMÉRICO F. MARQUES

Livreiro Antiquário
R. da Misericórdia, 92-1.º

Telef. 34977 Lisboa

N.º

PRIMEIRAS

LEITURAS

✓
João de Deus

P R I M E I R A S
L E I T U R A S

Publicadas
Pelo
Dr. Antonio Burguete

Lisboa
Typographia
73 Praça da Alegria 74
1877

Primeiras Leituras

PQ

9261

D5

P7

I

Dois thronos ha no ceo mais sublimes que todos, o de Deus, e o de sua Mãe: o de Deus, infinitamente mais alto que o de sua Mãe, e o de sua Mãe quasi infinitamente mais alto que o de todas as criaturas.

II

O maior desejo, que teem e devem ter os paes é serem taes seus filhos, que não só os igualemente, mas os vençam, e excedam a elles.

III

Todos os que sois paes e mães, dizei-me, se houvera neste mundo uma degnidade uma honra, uma glória maior que todas, e se puzera na vossa elleição, e na vossa escolha que-

rel-a para vós ou para vosso filho; para quem a a havieis de querer? Não ha dúvida, que para vosso filho.

IV

Ninguém morre para estar sempre morto: por isso a morte nas **Escri-
turas** se chama somno.

Os vivos caiem em terra com o somno da morte: os mortos jazem na sepultura dormindo, sem movimento nem sentido, aquelle profun-

do e dilatado lethargo: mas quando o pregão da trombeta final os chamar a juízo, todos hão de acordar e levantar-se outra vez.

V

A morte tem duas portas: uma porta de vidro, por onde se sai da vida; outra porta de diamante, por onde se entra á eternidade. Entre estas duas portas se acha subitamente um homem no instante da

morte, sem poder tornar atraz, nem parar, nem fugir, nem dilatar, senão entrar para onde não sabe, e para sempre.

VI

No tempo de Noé succedeu o diluvio, que cobriu e alagou o mundo: e dos leões escaparam dois, leão e leoa; e assim dos outros animaes da terra: das aguias escaparam duas. E dos peixes? Todos es-

caparam; antes não só escaparam todos, mas ficaram mais largos que d'antes, porque a terra e o mar tudo era mar.

VII

A aurora é o riso do ceo, a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia das aves, a vida e o alento do mundo.

VIII

Nem a primavera com as suas flores, nem o estio com as suas espigas, nem o outomno com os seus fructos, nem o inverno com os seus frios e neves, por mais tolhido e entorpecido que pareça, podem estar parados um momento. Passam as horas, passam os dias, passam os annos, passam os seculos, e se houvesse com que se pudessem pintar, havia de ser todos

com azas, não só correndo, e fugindo, mas voando, e desaparecendo.

IX

Todos imos embarcados na mesma náó, que é a vida; e todos navegamos com o mesmo vento, que é o tempo: e assim como na náó uns governam o leme, outros maream as velas; uns vigiam, outros dormem; uns passeiam, outros estão assentados

uns cantam, outros jogam, outros nenhuma coisa fazem; e todos igualmente caminham ao mesmo porto; assim nós, ainda que o não pareça, insensivelmente imos passando sempre, e avisinhando-se cada um ao seu fim.

X

Dos animaes terrestres o cão è tão doméstico, o cavallo tão servicial, o bugio tão amigo ou tão lisongeiro; e até

os leões e os tigres com arte e beneficios se amansam. Dos animais do ar a fora aquellas aves que se criam e vivem comnosco, o papagaio nos falla, o rouxinol nos canta, o açor nos ajuda e nos recreia; e até as grandes aves de rapina, encolhendo as unhas, reconhecem a mão de quem recebem o sustento. Os peixes pelo contrario lá se vivem nos seus mares e rios, lá se mergulham nos seus

pegos, e lá se escondem nas suas grutas, e não ha nem um tão grande, que se fie do homem, nem tão pequeno, que não fuja d'elle.

XI

Não ver nada é privação, ver uma cousa por outra é erro.

Eis-aqui porque sempre erra o juizo proprio: eis-aqui porque nunca acabamos de nos conhecer. Porque olhamos para nós com os

olhos de um mais cego que os cegos, com uns olhos que sempre vêem uma cousa por outra e as pequenas lhe parecem grandes. Somos pouco maiores que as hervas, e fingimo'-nos tão grandes como as arvores: somos a cousa mais inconstante do mundo, e cuidamos, que temos raízes: se o inverno nos tirou as folhas, imaginamos que nol-as ha de tornar a dar o verão, que sempre have-

mos de florecer, que havemos de durar para sempre. Isto somos, e isto cuidamos.

XII

O juizo dos homens, quando muito lhe demos, poderá fazer mal, mas não póde fazer maus. Se eu sou bom, por mais que me julguem mal os homens, não me podem fazer mau: se eu sou mau, por mais que me julguem bem os homens,

não me podem fazer bom.

XIII

Sem conselho nenhuma cousa façamos; porque nenhum homem é tão sabio, que não esteja sujeito a errar.

XIV

Exhorta Christo a todos os homens a que vigiem sobre sua salvação, e compara-os aos criados e ao pae de familia. Mas quando os

manda vigiar como criados, diz que esperem: quando os manda vigiar como pae, diz que temam. Porque o pae é pae, e o criado é criado.

O criado, quando vigia, espera; porque no criado vigia o interesse. O pae, quando vigia, teme, porque no pae vigia o amor. Espera quem serve; teme quem ama.

XV

Amanhece a branca flor cheia do orvalho do-

ce, que distillou nella
a aurora; chega a beber
a abelha, e leva mel;
chega a beber a ara-
nha, e leva veneno.

XVI

Está o pescador com
a cana na mão, o anzol
no fundo, e a boia sôbre
a agua, e em lhe pican-
do na isca o torpedo
começa a lhe tremer o
braço. Póde haver mai-
or, mais breve, e mais
admiravel effeito? De
maneira que num mo-

mento passa a virtude do peixesinho, da boca ao anzol, do anzol á linha, da linha á cana, e da cana ao braço do pescador.

XVII

Entre todos os animaes do mundo, os peixes são os maiores. Que comparação tem em número as especies das aves, e as dos animaes terrestres com as dos peixes? Que comparação na grandeza, o ele-

fante com a balêa?

XVIII

Navegando d'aqui para o Pará vi correr pela tona da agua de quando em quando a saltos um cardume de peixinhos, que não conhecia: e como me dissessem, que os portuguezes lhe chamavam quatro olhos, quiz averiguar ocularmente a razão deste nome, e achei, que verdadeiramente teem quatro olhós, em tudo

cabaes, e perfeitos.

Dá graças a Deus, lhe disse, e louva a liberalidade da sua divina providencia para contigo; pois ás aguias, que são os lincees do ar, deu sómente dois olhos, e aos lincees, que são as aguias da terra, também dois; e a ti, peixinho, quatro.

Aquelles quatro olhos estão lançados um pouco fóra do logar ordinario, e cada par delles unidos como os dois

vidros de um relógio de areia, em tal forma, que os da parte superior olham directamente para cima, e os da parte inferior directamente para baixo. E a razão desta nova architectura é, porque estes peixinhos, que sempre andam na superfície da agua, não só são perseguidos dos outros peixes maiores do mar, senão também de grande quantidade de aves maritimas, que vivem na-

quellas praias: e como tem inimigos no mar, e inimigos no ar, dobrou-lhe a natureza as senti-nellas, e deu-lhe dois olhos, que directamente olhassem para cima, para se vigiarem das aves, e outros dois que directamente olhassem para baixo, para se vigiarem dos peixes.



AMOR FILIAL

Nós a quem mais devemos amar n'este mundo é a nossos paes, porque ninguem é capaz de sacrificar-se por amor de nós, como elles.

Ninguem nos pôde consagrar tanto amor

como elles nos consagram.

Os amigos mais leaes e dedicados podem-nos faltar na desgraça, podem-nos esquecer na ausencia, ou por causa de novos laços de familia ou de amizade que tenham contrahido. Os paes nunca desamparam os seus filhos, nunca se esquecem d'elles.

A falta das pessoas mais estimadas pôde-se muitas vezes supprir

ou remediar; mas quando temos a desgraça de perder o pae ou a mãe, não tornamos a achar na vida quem seja para nós, como elles foram, extremosos e dedicados.

Por isso os devemos amar do fundo d'alma. E quanto mais amarmos nossos paes, melhor para nós; porque esse amor é abençoado por Deus. Não ha maneira de amar os paes senão tendo um com-

portamento exemplar, sendo laborioso e honesto, sendo virtuoso; o que é o mesmo que ser feliz.

E devemos amar os nossos paes como elles são; embora pobres, humildes e desgraçados, não devemos invejar outros mais ricos ou mais felizes, porque seria falta de conformidade com os decretos da Providencia. Pelo contrario, devemos amalos ainda mais se é po-

ssivel; porque talvez a sua unica satisfação, a riqueza e os seus unicos titulos de nobreza sejam os seus filhos.

A verdadeira riqueza é a virtude, e a verdadeira nobreza são os sentimentos generosos.

Em lugar de invejarmos aos mais um nascimento illustre, demos aos nossos paes a honra de ter filhos que os mais invejem pelas suas excellentes qualidades.

COMPORTAMENTO RELATIVO A ESCOLA

O filho obediente faz em tudo a vontade a seus paes; e se o mandam á escola, deve-se applicar, que a utilidade é sua.

Porque, sem instrução, a gente é como os

animaes. Só ella nos ensina a desempenhar bem as nossas obrigações, e augmenta os nossos recursos e o nosso prestimo, alumando o nosso espirito.

A instrucção é tão necessaria como o sustento: advertindo que do sustento os mesmos animaes precisam; o que nos distingue dos animaes é a instrucção.

E como se ha de comportar quem tem a felicidade de ser manda-

do á escola por seus
paes?

Indo pelo caminho
que lhe marcam, sem
se apartar nem distra-
hir; chegando a horas;
entrando socegado; to-
mando o seu logar,
com o menor incommo-
do possivel dos compa-
nheiros; prestando toda
a attenção ao mestre;
não se rindo, não con-
versando, não grace-
jando: e quer seja ob-
servado, quer não,
conservando-se sempre

com a devida seriedade.

Um menino deve ser comedido e modesto, sem ser acanhado: quando não entende alguma coisa, pede licença para perguntar, e o mestre explica.

Não deve ter vaidade, que se torna odioso; nem fazer zombaria dos que aprendem menos, porque talvez não seja descuido, e sim falta de entendimento, o que não é culpa de cada um.

A intelligencia é um dom de Deus: está da nossa parte aproveitall-a; e por isso devemos ter emulação, empenhando-nos em conseguir tanto ou mais que outro qualquer; mas se apesar das nossas diligencias, o não pudermos igualar, não devemos ficar sendo invejosos, e sim admiradores da sua capacidade ou applicação.

Os mestres são os paes da instrucção; e os

discipulos entre si devem-se estimar como irmãos. Um menino bem educado não conta as faltas dos companheiros, nem as reprehensões e castigos que levam na escola; assim como também não vai á escola contar o que fizeram cá fóra; não accusa nem compromette os mais.

Quando é permittido conversar, falla-se com todos affavelmente; mas para nossos ami-

gos particulares devemos escolher os mais sisudos e socegados, evitando a companhia dos travessos, que mais cedo ou mais tarde nos fazem cair na desobediencia.

Seja diante de quem fôr, devemos proceder de modo que mostre a nossa boa educação, e fazendo de conta que estão presentes nossos paes.

Nunca se recorre á força, salvo em defesa

do mais fraco.

Devemos respeitar os mestres e receber humildemente os seus preceitos; porque elles foram escolhidos para nos guiar, e estão em lugar de nossos paes.

Se ás vezes se mostram severos, é desvelo pelo nosso aproveitamento, o que devemos agradecer e não levar a mal. Nunca os devemos censurar; e quando á nossa vista os accusarem, temos obriga-

ção de os defender como bons filhos ou bons amigos.

Aquelle que procede assim, é estimado de todos, e a alegria e a honra de seus paes.



S. MATHEUS

CAPITULO IX

Entrando Christo em uma barca, passou á outra banda, e foi á sua cidade.

E eis que lhe apresentaram um paralytico, que jazia em um leito. E vendo Jesús a fé d'elles, disse ao paralytico: filho, tem confiança; perdoados te

são teus peccados.

E logo alguns dos escribas disseram dentro de si: Este blasphema.

E como visse Jesús os pensamentos d'elles, disse: Porque cogitais mal nos vossos corações?

Que coisa é mais facil, dizer: Perdoados te são teus peccados; ou dizer: Levanta-te, e anda?

Pois para que saibais, que o filho do homem

tem poder sobre a terra de perdoar peccados, disse elle então ao paralytico: Levantate, toma o teu leito, e vai para tua casa.

E elle se levantou, e foi para sua casa.

E vendo isto as gentes, temeram, e glorificaram a Deus, que deu tal poder aos homens.

E passando Jesus d'alli, viu um homem, que estava sentado no Telónio, chamado Matheus; e lhe disse: Se-

gue-me. E levantando-se elle o seguiu.

E aconteceu que estando Jesús sentado á mesa n'uma casa, eis que vindo muitos publicanos, e peccadores, se sentaram a comer com elle, e com os seus discipulos.

E vendo isto os phariseus, diziam aos seus discipulos: Porque come o vosso Mestre com os publicanos, e peccadores?

Mas ouvindo-os Je-

sus, disse: Os sãos não tem necessidade de médico, mas sim os enfermos.

Ide pois, e aprendei o que quer dizer: Misericórdia quero, e não sacrifício. Por quanto eu não vim a\chamar os justos, mas os peccadores.



PADRE NOSSO

(Glosa)

I

Pae Nosso, de todos nós,
Que todos somos irmãos;
A ti erguemos as mãos
E levantamos a voz:

II

A ti, que estás lá no ceo,
E nos lanças com clemencia,
Do vasto estrelado veo
Os olhos da providencia!

III

Bemdito, santificado
Seja o teu nome, Senhor!
Inviolavel, sagrado
Na bôca do peccador!

IV

E venha a nós o teu reino;
Acabe o da vil cubiça;
Reine o amor a justiça
Que prégava o Nazareno:

V

De modo que seja feita
A tua santa vontade
Sempre a expressão perfeita
Da justiça e da verdade!

VI

Seja feita assim na terra
Como no ceo, onde habita
Esse, cuja mão encerra
A criação infinita!

VII

O pão nosso, nesta vida
De cada dia, nos dá
Hoje, e basta; a luz da vida,
Quem sabe o que durará!

VIII

E perdoa-nos, Senhor,
 As nossas dividas; sim!
 Grandes são, mas é maior
 Essa bondade sem fim!

IX

Assim como nós (se é dado
 Julgar-nos também crêdores),
 Perdoamos de bom grado
 Cá aos nossos devedores.

X

E não nos deixes, bom Pae,
Cair nunca em tentação;
Que o homem, por condição,
Sem o teu auxílio cai!

XI

Mas tu, que não tens segundo
E ainda menos igual,
Dá-nos a mão neste mundo
Senhor! livra-nos do mal!

FIM

Sempre se tem reconhecido utilidade em distinguir as syllabas nas primeiras leituras; e nós que não admittimos solletração e mais especialmente precisavamos d'essa distincção n'uma cartilha prestes a publicar-se, tivemos a idéa (e reservamos o direito de alternar apenas o tom das syllabas, sem desconjuntar nem desfigurar a palavra. O sr.dr. Burguete, fiado nos recursos do nosso primeiro estabelecimento typografico, quiz-se encarregar de obter o typo conveniente; e eis como já podemos offerecer aos principiantes este pequeno ensaio, onde talvez achem, até para solletrar, especial auxilio.

Nenhum ponto de vista especial nos preoccupou na escolha da materia; porque a principio cada palavra é um problema, que absorve a attenção do alumno, e quasi se abstrahê da idéa. Mas, assim como até páginas 25, tudo seria tirado de Vieira, cujo estylo é lei, se por indicação do illustrê editor não concordassemos em metter dois artigos do nosso livrinho os «Deveres dos Filhos», mais uma glosa da Oração do Senhor, e um trecho do Evangelho, que é sempre bem vindo e superior a tudo.

ERRATAS

Pag.	Linhas	Erratas	Emendas
6	12	degnidade	dignidade
«	15	elleição	eleição
52	3	solletração	soletração
«	5	rcservamos	reservamos
«	12	solletrar	soletrar

Vende-se no deposito Livraria Bertand, Chiado
73 e 75 e nas mais Livrarias de Lisboa.

NO RIO DE JANEIRO, na loja do Com-proprie-
tario A. A. Lopes do Couto e Filho, Rua da Qui-
tanda, n.º 24.

89006651970



b89006651970e

Digitized by Google



89006651970



b89C06651970a